



O CODIFICADO E O NÃO CODIFICADO NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

THE CODIFIED AND THE UNCODIFIED IN THE SHORT STORY “AMOR”, BY CLARICE LISPECTOR

Prof. Dr. José Osmar de Meloⁱ

RESUMO – No conto “Amor”, Clarice Lispector coloca em questão o codificado e o não-codificado, ao questionar as relações amorosas como fruto de condicionamentos culturais, que criam ilusões relativas à felicidade e iludem o homem no que diz respeito à sua situação existencial de desamparo, solidão e abandono. Entretanto, quando ele descobre isso, toma conta dele a mais avassaladora e profunda angústia existencial. É o caso da protagonista do conto “Amor”, que, ao se deparar com um cego que masca chiclete num ponto de ônibus, vê-se, de súbito, assaltada por um incontrolável sentimento de estranhamento e de mal-estar existencial. Essa epifania de sentimentos desencontrados, contraditórios e opostos, frente a essa situação inusitada, lhe revela a descoberta de um mundo obscuro, perigoso e enigmático, que ela não conhece. Daí a razão de seu susto, de seu

espanto, de sua náusea, de seu fascínio e de sua repulsa em face da existência. Esse estado de estranhamento muda-lhe o sentido da vida e, com isso, ela perde repentinamente suas ilusões concernentes ao casamento, frágil ideal de felicidade construído pela ideologia burguesa, que a narradora questiona, ao nos apresentar uma personagem emparedada por um cotidiano repetitivo que a oprime e a encarcera nas lides do lar. Assim, ainda que ela tenha um casamento aparentemente consolidado, um excelente marido e filhos maravilhosos, ela descobre que a existência ultrapassa a triste mesmice de sua condição de dona de casa, já que outros apelos misteriosos, intensos e eróticos pululam-lhe no íntimo e a faz dividida, fragmentada, incerta e sem saber nomear a angústia e o mal-estar que lhe bordejam outros desejos que, no entanto, são interditados pela protagonista, uma vez que põem em



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

perigo sua vida de mulher casada. Assim, entre a liberdade e a prisão, a protagonista opta, ainda que temporariamente, já que não há o apaziguamento do conflito, pelo encarceramento familiar, pois, depois da assustadora vertigem que sofrera com a possibilidade de escolher outro *modus vivendi* e de vislumbrar o jardim das delícias do paraíso perdido, ela retoma o medíocre, macabro e merencório ritual de dona de casa.

PALAVRAS-CHAVE: Amor, Clarice Lispector, angústia, existencialismo, codificado e não codificado.

ABSTRACT – In the short story “Amor,” Clarice Lispector questions the codified and the uncoded, questioning romantic relationships as the result of cultural conditioning that creates illusions about happiness and deceives man regarding his existential situation of helplessness, loneliness, and abandonment. However, when he discovers this, he is overcome by the most overwhelming and profound existential anguish. This is the case of the protagonist of the short story “Love,” who, upon coming across a blind man chewing gum at a bus stop, suddenly finds herself overcome by an uncontrollable feeling of estrangement and existential malaise. This epiphany of conflicting, contradictory, and opposing feelings, faced with this unusual situation, reveals to her the discovery of a dark, dangerous, and enigmatic world that she does not know.

Hence the reason for her fright, her astonishment, her nausea, her fascination, and her repulsion toward existence. This state of estrangement changes the meaning of her life and, as a result, she suddenly loses her illusions concerning marriage, a fragile ideal of happiness constructed by bourgeois ideology, which the narrator questions, by presenting us with a character trapped by a repetitive daily routine that oppresses her and imprisons her in the household chores. Thus, even though she has an apparently solid marriage, an excellent husband and wonderful children, she discovers that existence goes beyond the sad monotony of her condition as a housewife, since other mysterious, intense and erotic appeals swarm within her and make her divided, fragmented, uncertain and unable to name the anguish and discomfort that border her other desires that, however, are forbidden by the protagonist, since they put her life as a married woman in danger. Thus, between freedom and prison, the protagonist opts, albeit temporarily, since there is no appeasement of the conflict, for family incarceration, since, after the frightening vertigo she suffered with the possibility of choosing another *modus vivendi* and of glimpsing the garden of delights of the lost paradise, she returns to the mediocre, macabre and melancholic ritual of being a housewife.

KEYWORDS – Love, Clarice Lispector, anguish, existentialism, coded and uncoded.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

[...] viver não é visível. [...]
A forma de viver é um
segredo tão secreto que
é o rastejamento silencioso
de um segredo no deserto.

[...] a vida é um soco
no estômago [...]
(Clarice Lispector)

No conto “Amor”, Clarice Lispector coloca em questão o codificado e o não-codificado, ao questionar as relações amorosas como fruto de condicionamentos culturais, que criam ilusões relativas à felicidade e iludem o homem no que diz respeito à sua situação existencial de desamparo, solidão e abandono. Entretanto, quando ele descobre isso, toma conta dele a mais avassaladora e profunda angústia existencial.

É o caso da protagonista do conto “Amor”, que, ao se deparar com um cego que masca chiclete num ponto de ônibus, vê-se, de súbito, assaltada por um incontável sentimento de estranhamento e de mal-estar existencial. Essa epifania de sentimentos descontraídos, contraditórios e opostos, frente a essa situação inusitada, lhe revela a descoberta de um mundo obscuro,

perigoso e enigmático, que ela não conhece.

Daí a razão de seu susto, de seu espanto, de sua náusea, de seu fascínio e de sua repulsa em face da existência. Esse estado de estranhamento muda-lhe o sentido da vida e, com isso, ela perde repentinamente suas ilusões concernentes ao casamento, frágil ideal de felicidade construído pela ideologia burguesa, que a narradora questiona, ao nos apresentar uma personagem emparedada por um cotidiano repetitivo que a oprime e a encarcera nas lidas do lar.

Ainda que ela tenha um casamento aparentemente consolidado, um excelente marido e filhos maravilhosos, ela descobre que a existência ultrapassa a triste mesmice de sua condição de dona de casa, já que outros apelos misteriosos, intensos e eróticos pululam-lhe no íntimo e a faz dividida, fragmentada, incerta e sem saber nomear a angústia e o mal-estar que lhe bordejam outros desejos, que, no entanto, são interditados pela protagonista, uma vez que põem em perigo sua vida de mulher casada. Por isso, entre a liberdade e a prisão, a protagonista opta, ainda que temporariamente,



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

pelo encarceramento familiar, já que, depois da assustadora vertigem que sofrera com a possibilidade de escolher outro *modus vivendi* e de vislumbrar o jardim das delícias do paraíso perdido, ela retoma o medíocre, macabro e merencório ritual de dona de casa.

As indagações de Clarice Lispector sobre o amor, que, no conto, será analisado sob a perspectiva do codificado e do não codificado, manifestam-se mediante um episódio único que serve de núcleo à narrativa, em um momento de tensão conflitiva, que se declara subitamente e estabelece uma ruptura da personagem com o mundo

Na trama, o amor é algo que surge colado ao convencional, à aceitação das regras sociais, como algo que põe o eu em confronto e em descompasso com o mundo. Ana é obrigada a reprimir seus desejos mais íntimos, porque eles são uma ameaça à sua segurança de casada: ela, então, esconde-se porque o mundo empírico, real, concreto só lhe permite usar máscaras.

Assim, a narradora enfoca o amor a partir da perspectiva do que limita, poda e reintegra ao mundo codificado, já que uma grande angústia já vem embrulhada nele. Um certo mal-estar já existe em

germe no bom, no leve, no misteriosamente revelado, no anteriormente intuído e desejado. E por quê? Porque alguma forma de morte cerca a alegria de cada encontro.

A angústia que envolve o amor é a certeza de que na vigência dele se está ao mesmo tempo protegido e desguarnecido. Nesse conto, a narradora nos mostra que o amor prega uma grande peça na protagonista Ana: o marido, os filhos, a organização do lar, as tarefas cotidianas e domésticas, o casamento que ela quisera e escolhera por ter a necessidade de sentir a raiz firme das coisas, e por pensar que um lar pudesse ser a chave para a sua existência, não preenchem algo que lhe falta.

Por isso, um vazio toma conta de Ana, uma grande angústia revela-lhe um estranhamento em face de sua vida de dona-de-casa. Daí sua solidão existencial: “certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela”. (LISPECTOR, 2013, p. 11)

Em nome do amor, Ana descobre que “a vida podia ser feita pela mão do homem” (LISPECTOR, 1974, p. 11). Mas, por outro lado, esse mundo codificado, no qual Ana vive, possui apenas uma aparência harmoniosa.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

De fato, ele é algo que lhe escapa às mãos, e, no qual, ela tem que se enquadrar, independentemente de sua vontade: “Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado”. (LISPECTOR, 2013, p. 11)

Nessa indagação existencial, percebemos a marca da não aceitação do real circundante. Ana questiona seu destino de mulher que lhe limita o horizonte. Ela descobre que existe um mundo inventado no qual é obrigada a se enquadrar: amar seria apenas se limitar a ordenar o mundo do lar? Seria apenas tornar os dias realizados e belos para os filhos e o marido? Seria apenas cumprir cotidianamente o ritual de repetir as mesmas tarefas?

Ana descobre que o que quisera ela havia construído: um lar. Mas, esse mundo externo, que representava para ela algo firme, sólido e seguro, funciona como elemento opressor, como algo que abole a felicidade e que não tem sentido:

No fundo Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. (...) o homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros.

Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. (LISPECTOR, 2013, p.11)

O mundo externo mergulha Ana numa profunda angústia e solidão existenciais: o lar, os filhos, o marido, a repetição das tarefas domésticas, a vida a se esvaír, o contato com os outros leva-a ao reconhecimento de suas precárias condições de defesa e sobrevivência diante de uma realidade imprevisível e ameaçadora que é a vida. Aliás, esse estranhamento, esse sentimento de solidão e angústia existencial frente à vida e ao mundo externo também emergem como algo ameaçador:

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções, olhando os móveis limpos, seu coração apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

lhe haviam transmitido.
(LISPECTOR, 2013, p. 11)

Essa profunda sensação de mal-estar existencial e incômoda angústia, na acepção heideggeriana, revela-se como sinal do sentimento autêntico da condição humana. Aliás, a angústia manifesta-se como percepção brutal e nua de nosso estar-no-mundo, da mundanidade do mundo em estado puro, de nosso desamparo, abandono e de nossa caminhada rumo à morte (HEIDEGGER apud MOUNIER, 1970).

Ao contrário de um sentimento solitário, anêmico e pequeno-burguês, a angústia surge em reação à cotidianidade pequeno-burguês, onde o ser se instala confortavelmente entre os seus objetos, onde suas propriedades, seus bens, seu bom senso, seu caráter, sua natureza e seu temperamento escondem seu desamparo e abandono. Assim, a angústia constitui-se como um sentimento de grande vulto e um mal-estar cósmico mais que uma dissonância íntima (MOUNIER, 1970).

A grande angústia de Ana é o reconhecimento de que a vida não poderia ser apenas a construção de um lar, ter um marido e filhos

verdadeiros, tagarelar com o cobrador de luz, encher o tanque d'água, ver o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, escutar o canto importuno das empregadas do edifício, espanar cotidianamente os móveis empoeirados, cuidar das crianças, fazer compras, ir à rua resolver alguma coisa etc.

A vida não poderia ser apenas um transitar por entre as coisas e as pessoas. Assim, Ana sente que não poderia apenas “fazer parte obscuramente das raízes negras e suaves do mundo. Alimentar anonimamente a existência” (LISPECTOR, 2013, p. 12).

A narradora em terceira pessoa, mas aderido às reflexões de Ana, introduz algumas sentenças que anunciam uma artificialidade nesse “bem-estar” da boa esposa e da boa mãe: “com o tempo seu gosto decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem” (LISPECTOR, 1974, p. 11). Ou de forma mais contundente “O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundia com felicidade insuportável” (LISPECTOR, 2013, p. 11). Algo, enfim, tivera de ser sacrificado, deixado para trás, a fim de que uma vida estável e segura fosse



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

consolidada. As reiteraões do texto insistem no fecho irônico dos parágrafos: “Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera”. (LISPECTOR, 2013, p. 12).

É assim que a narradora (máscara-disfarce da autora?) justifica seu périplo existencial de mulher casada. Mas a sua justificativa – “Assim ela o quisera e escolhera” – não integra Ana na realidade mesquinha dos seres comuns, como faz com as outras personagens do conto. Inclusive, essas outras personagens nem sequer são personagens (os filhos, o marido, os irmãos etc.). São figuras cuja aparição indica apenas a reintegração ao mundo doméstico/codificado – todas são conformadas no mundo das convenções e dos deveres a cumprir cotidianamente. Nenhuma dessas personagens revela algum tipo de indagação, solidão ou angústia existencial. São todas apagadas.

Apenas o mundo da personagem principal – Ana – é intenso: ele é o espaço da criação da narradora. Ele é a *tabula rasa*, a página branca que vai recebendo o fluxo e o refluxo das emoções e indagações insolúveis dela. Através de Ana, a narradora busca a transcendência, o sobrenatural, o fantasmagórico, o místico, o mito, a revelação da

verdade e a descoberta dolorosa de que não há resposta para nada.

O mundo é um espaço infinito, mas Ana percebe que se encerra no horizonte da finitude. Aos poucos, a personagem protagonista (a autora ou a narradora?) vai descobrindo que, a qualquer momento, ela pode desaparecer: a vida é pura precariedade e completamente contingente.

Outro elemento fundamental que predomina no conto é o par antitético noite/dia: o anoitecer obscurece a visão de Ana, apresentando-lhe o mundo de forma indireta e propiciando-lhe, assim, o mergulho num reino novo: o das indagações sobre o mistério do existir: a noite possui uma atmosfera sobrenatural; é o momento em que os segredos saem dos seus guardados. Por isso, Ana busca incansavelmente a noite como algo que supere o imediato:

As crianças chegavam no fim da tarde e exigiam-na, mas logo viria a noite, com sua tranqüila vibração. Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo (LISPECTOR, 2013, p. 12).

A noite atua como atmosfera sobrenatural necessária para um



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

despojamento do real. Mas também, numa frequência menor, como símbolo da morte e da sua inexplicabilidade. A noite desliga Ana do mundo empírico, objetivo e instável. Ela suspende Ana das atividades práticas e possibilita a reconstrução mística do mundo: a procura obstinada da noite como evasão mítica do conflito existencial é uma recusa declarada do espaço físico, dia, como elemento acusador da precariedade da vida. A claridade revela a exterioridade vivida e a obscuridade remete à interioridade.

Ana rejeita a claridade do dia pelo fato de ela anunciar a realidade objectual, circundante, que a obriga a uma participação das vivências concretas, ocorrida num tempo cronológico que vai se esgotando dia a dia: “De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos”. E assim “alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera” (LISPECTOR, 2013, p.12-13).

O dia anuncia a brevidade e efemeridade das coisas, ou seja, o real empírico, com suas belezas atrativas, mas tragicamente efêmeras. Somente a noite é o antídoto contra a ameaça da

claridade do dia. A noite desliga Ana do mundo objetivo, mergulhando-a no desejado esquecimento da instabilidade da vida: “Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável” (o dia) (LISPECTOR, 2013, p.12).

A claridade do dia remete Ana para o reconhecimento do fatal destino de todos os seres concretos, que é a ameaça destruidora do tempo. Daí o seu desejo de evadir-se do mundo concreto e perecível (evadir-se no tempo e no espaço) para a busca de um espaço invisível (noturno), quimérico, que ultrapassasse a realidade imediata, que é uma ameaça à vida.

O dia revela a marca quente da vida que pulsa na veia, mas todo ser vivo, tragicamente não escapa à morte. Por isso, Ana encara a vida como uma ameaça. Existir para Ana é desconfortável, porque é estar fatalmente subordinado à determinação de alterações ou desaparecimento efetuado no tempo pelo meio-ambiente: “Mas a vida arrepiava-a como um frio.” (LISPECTOR, 2013, p.15).

Mas é no confronto de Ana com o cego que sua existência dá uma guinada assustadora. Se, no primeiro tempo do conto, Ana aparece protegida da desordem por



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

uma vida doméstica repleta de precauções, como, por exemplo, “tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia e sem precisar dela”. (LISPECTOR, 2013, p. 11), a visão repentina de um cego mascando chicletes no ponto de ônibus, no momento seguinte, faz emergir o que antes já se renunciava no conto.

Esse inaudito encontro com o cego mascando chicletes em um ponto de ônibus desmorona em segundos toda a armadura de quem “apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse (...). E um cego mascando goma despedaçava tudo isso.” (LISPECTOR, 2013, p. 13).

O impacto desse incidente banal se mostra na metáfora das compras na rede de tricô: “o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão (...). Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede (...). A rede perdera o sentido e estar no bonde era um fio partido (...). O mundo se tornara de novo um mal-estar” (LISPECTOR, 2013, p. 12).

A vivência de Ana, ao ver o que não nos vê, ou seja, ao se deparar com a sombra de tudo o que esconde sob a luz rotineira, descortina um mundo novo que assusta e fascina: “Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua

eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir”. (LISPECTOR, 2013, p. 12).

A personagem-protagonista, cujo eu estava sempre em descompasso com o mundo exterior, assim que se defronta com o cego experimenta um momento súbito de revelação. O cego faz eclodir e desenvolver uma crise existencial profundíssima nela. Ele detona um modo de existência não codificado que até então permanecera reprimido, latente, silenciado. Quando vê o cego, Ana sente, por meio da crise existencial e da visão dramática, retornar uma visão das coisas e uma sensibilidade há muito adormecida dentro de si:

Então ela viu, o cego mascava chicles. Um homem cego mascava chicles. (...) Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. (...) Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele tivesse se insultado. Ana olhava-o. E quem o visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada. (LISPECTOR, 2013, p. 12)



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

Ana é desestruturada, desestabilizada pelo cego. E é a partir desse momento que explode a sua individualidade e a sua redefinição existencial, pois Ana ingressa na realidade mítica, expondo sua interioridade, a partir do momento em que o bonde (em que vinha para casa) dá uma arrancada brusca e ela deixa cair as compras que trazia, partindo-se, inevitavelmente, os ovos que continha: “[...] os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas purgavam entre os fios da rede. [...] Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias”. (LISPECTOR, 2013, p. 12)

O ovo simboliza a precariedade da vida, pois como esta pode findar a qualquer instante. No caso de Ana, os ovos quebrados expõem a vida latente potencializada no seu interior. As gemas revelam uma vida em potencial, surgindo repentinamente e descobrindo um novo modo de existência.

A neutralização do real (demolição) e a incorporação do insólito (construção do mítico) provocam uma inversão de valores: a realidade ostenta o falso valor do aparente e a medida do sonho passa

a ter a dimensão da verdade. Expõe-se a superficialidade do real e revela-se a essência do ser num espaço novo, neutro, poético, em que a verdade e a loucura ganham conotação onírica.

Mas, por outro lado, esse espaço novo, esse novo modo de existência é vivido por Ana como algo causador de mal-estar, como algo ruim, perigoso. Todo um equilíbrio adquirido em sua vida familiar passa a ser ameaçado. Através, respectivamente, da crise existencial e da falta de cansaço, Ana penetra em um mundo não-codificado, imprevisto, perigoso, onde o que prevalece é a própria individualidade. A partir desse momento ela fica em tensão com o mundo codificado da sociedade, da família:

[...] o mal estava feito. [...] A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido, não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música o mundo recomeçava ao seu redor. O mal estava feito. (...) o mundo se tornara um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias (...) (LISPECTOR, 2013, p. 12).

Na volta para casa, depois de haver feito as compras do dia, Ana,



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

que parece ser uma mulher tranquila e em paz consigo mesma, recosta-se “procurando conforto, num suspiro de meia satisfação”, no banco do bonde. Ela alcançou, não faz muito, a situação estável em que vive: “A cozinha era espaçosa, o fogão, enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando”. (LISPECTOR, 2013, p. 11).

Seus filhos haviam crescido, o marido chegava em casa à hora certa, o jantar se seguia ao almoço, na rotina dos dias. Mas, segundo sugerem as primeiras linhas do conto, teria havido antes disso um acontecimento desagradável, que a personagem teme como um perigo iminente, que pode repetir-se e contra o qual se acautela. A uma parada do bonde, Ana vê, de súbito, um cego mascando chicletes. Transtornada por essa cena, ela deixa cair ao chão, com a arrancada violenta do veículo, o saco das compras. Está por fim inerte diante do perigo que temia, estampado agora na fisionomia grotesca do

homem. A tranquilidade de Ana desaparece com a sensação de náusea que lhe vem à boca.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia seguisse o outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 2013, p. 13)

Domina-a essa sensação de náusea quando atravessa o Jardim Botânico para chegar à casa. Ali, em ação, nas árvores silenciosas, desencadeia-se algo estranho e hostil que o cego lhe revelara, e que agora, fascinada, experimentando um estado de verdadeiro êxtase, vê estender-se sobre o mundo inteiro.

Por meio de uma sensação estranha e inquietante de nojo e náusea¹, Ana rejeita o mundo

¹ Conforme salienta Nunes (1973, p. 97), o valor da náusea em Clarice Lispector remete-nos a uma atitude perante as coisas e o ser em geral que difere da sartreana. Conforme se pode ver no conto “Amor”, a perspectiva mística suplanta a existencial inerente à temática do conto. Mas em consequência disso, a subjetividade e,

portanto, a experiência interior, perderão o privilégio ontológico que o existencialismo propriamente dito lhes outorga. As relações práticas parecem consolidar e agravar, no mundo de Clarice Lispector, uma alienação sem remédio enraizada na própria existência individual.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

exterior/codificado e suspende seu compromisso com a lógica do real, deixando-se envolver, gradualmente, pelo sono, sonho, desvario até atingir, em estado de graça, o mistério da condição humana, penetrando na intimidade de si mesma e das coisas, com vistas a fazer emergir a fantasia, o absurdo, o insólito que podemos perceber na descrição da natureza no Jardim Botânico

Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas polhudas, o abraço era macio, colado, como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. (LISPECTOR, 2013, p. 14)

Porém a repentina lembrança dos filhos arranca-a da sedução desse horrível espetáculo, no reencontro com um dos filhos, ao chegar em casa:

(...) O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se trêmula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo. Do mesmo modo como

sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal – o cego ou o belo Jardim Botânico? – agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. (LISPECTOR, 2013, p. 14)

Se o Amor vence antagonismos, como sugere a mitologia, o estouro do fogão – que subtraiu a dona de casa da rotina – a atrai, ao final do conto, para a cozinha, possível espaço para uma transformação psíquica e alquímica, curiosa por saber o que acontecera ao marido. Ali, sutilmente impedida de continuar a conduzir as rédeas do cotidiano, ela se aconchega nos braços do esposo e se permite pensar no que lhe acontecera: o reencontro com o marido reinstaura a proteção doméstica e afasta-a do Amor, da bondade, do perigo de viver ou do Cego que, na perspectiva de Benedito Nunes, é “o mediador de uma incompatibilidade latente com o mundo que jaz no ânimo de Ana.” (NUNES, 1985, p. 85).

Ainda conforme salienta Nunes (1973, p. 97):

o valor da náusea em Clarice Lispector remete-nos a uma



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

atitude perante as coisas e o ser em geral que difere da sartreana. Conforme se pode ver no conto “Amor”, a perspectiva mística suplanta a existencial inerente à temática do conto. Mas em consequência disso, a subjetividade e, portanto, a experiência interior, perderão o privilégio ontológico que o existencialismo propriamente dito lhes outorga. As relações práticas parecem consolidar e agravar, no mundo de Clarice Lispector, uma alienação sem remédio enraizada na própria existência individual.

É o que a tese de Benedito Nunes corrobora, já que, para ele, não resta à personagem-protagonista, no confronto com as alienantes relações práticas do dia a dia, senão se conformar, ao voltar de novo para casa, ao angustiante cotidiano de dona de casa, uma vez que, depois da fascinante, assombrosa e perigosa experiência de imersão no mundo do devaneio, do onírico, do não racional, dos sonhos, da liberação dos desejos, da transcendência, do inaudito, algo permanece em aberto para a personagem-protagonista, conforme se pode perceber na fala da narradora:

Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele,

é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. Acabara-se a vertigem de bondade. E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia. (LISPECTOR, 2013, p. 16)

O reencontro com o marido reinstaura a proteção doméstica e afasta-a do Amor, da bondade, do perigo de viver ou do Cego, o qual, na perspectiva de Benedito Nunes, é “o mediador de uma incompatibilidade latente com o mundo que jaz no ânimo de Ana.” (NUNES, 1985, p. 85).

Porém, pode-se sugerir que, ao contrário do argumento de Benedito Nunes, não houve apaziguamento do conflito, e o estouro do fogão é um presságio disso. Na verdade, “o mal já estava feito” (LISPECTOR, 2013, p. 12), e o marido não afasta a mulher do perigo de viver, por isso o gesto dele soa-lhe estranho. A flama do dia, que se apaga, parece que reacenderá a chama do Amor experimentado à tarde no Jardim Botânico.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

O marido, simbioticamente, transforma-se no Cego a quem, ao mesmo tempo ela ama e por quem nutre um sentimento de repulsa. Esse encontro amoroso íntimo, apenas insinuado, parece reiterar a concepção mítica de que o Amor une contrários. Com o marido, ela retorna à rotina que um dia escolhera para si.

O encontro com o Cego, contudo, coloca em zona de vizinhança com seu dia a dia a certeza de que Caos e Cosmos são componentes necessários à existência do Amor. Não é mais possível reintegrar a unidade cósmica dos ovos, assim como também não é mais possível reassumir a vida anterior àquele encontro de (des)conserto.

Dessa forma, o Cego não enfatiza uma incompatibilidade de Ana com o mundo que ela reprimira em si, mas lhe indica a possibilidade de estar outra vez no mundo com seus paradoxos e incongruências: o codificado e o não codificado são faces de uma mesma moeda: um aponta para a ordem, o apolíneo, a harmonia, o cartesiano; o outro, para a desordem, a irracionalidade, o caos, a loucura, o impuro, o abismo, o desejo, o inaudito, o proibido, o transgressor, os instintos, o incongruente, o noturno etc.

Mas a sensação estranha e inquietante de nojo e náusea ainda continuará, menos intenso, na cozinha de casa, onde Ana procura sair do transe. Os afazeres domésticos envolvem-na de novo como as mãos do marido que a seguram, na tranquilidade aparente de seu dia a dia: “É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.” (LISPECTOR, 2013, p. 16).

Por meio da incursão pelo mundo do não-codificado, Ana descobre que “a moral do Jardim Botânico era outra” (LISPECTOR, 2013, p. 14). E, tomada pela dúvida, ela não sabe se permanece no mundo codificado ou se envereda pelo mundo do não-codificado (= liberação do recalçado, dos desejos mais íntimos, do interdito, da sexualidade, do prazer, da satisfação, do lúdico, da ausência de repressão, da receptividade): “A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego. (...), no entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja”. (LISPECTOR, 2013, p. 15)

O cego são os crespos que vigem e espertam os avessos de Ana e seria, mesmo, conforme salienta Nunes, “o



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

mediador de uma incompatibilidade latente com o mundo que jaz no ânimo dela?” De certa maneira, a sua função mediadora não difere das árvores do Jardim Botânico, que também exteriorizam o perigo de viver. O cego é, ao que parece, a metáfora do inconsciente, ou seja, do puro real. É o in-mundo (ou imundo?), o que é privado de mundo, o contrário ao mundo. É o que está, portanto, fora do mundo de Ana. É o sujo, o impuro, o proscrito, que ela deseja com nojo e náusea.

Essa incompatibilidade, que está em correlação com a estranheza e a violência da vida, agride a personagem por meio da fisionomia grotesca do cego, quando ela sente a comoção da náusea assenhorar-se de si. A tensão conflitiva vem, portanto, qualificada pela náusea, que precipita Ana em um estado de alheamento e verdadeiro êxtase diante das coisas, paralisando-a e esvaziando-a por instantes de sua anódina vida pessoal.

Oscilando entre o desejo da busca de um destino maior e a retomada da vida diária comum (realidade), Ana se vê obrigada a retornar ao mundo objetivo, delimitado, convencionalizado, codificado. Enfim Ana retorna ao seu destino de mulher:

Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos. (LISPECTOR, 2013, p. 15)

Seria impossível a Ana permanecer e perpetuar-se naquele novo mundo de existência, mesmo que ele apontasse para a sua libertação e a sua salvação? Saber-se inserido nesse mundo concreto, real e objetivo é saber que se nasce para morrer não se sabe quando nem onde. Talvez esteja nisso a angústia de Ana: saber-se um ser para a morte. Daí a razão de seu profundo sentimento de solidão e de angústia existencial, traduzida na sensação de vazio, na incompreensão da vida, no medo da fragilidade, no reconhecimento do perigo da felicidade, no medo de estar viva pela possibilidade de morrer a qualquer instante: “E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu”. (LISPECTOR, 2013, p. 15)

Sabendo-se impossibilitada de neutralizar a realidade empírica e de perpetuar-se no transcendental, Ana



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

é obrigada a reconhecer a sua condição concreta de vida e, portanto, a volta ao mundo externo é inevitável: “Acabara-se a vertigem de bondade. E se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia”. (LISPECTOR, 2013, p. 16).

No entanto, pela extensão e profundidade – o confronto consigo no renhido embate com o Cego –, essa mesma crise arma-a de uma percepção de sua nudez, revelando-lhe a existência nela representada, como força impulsiva e caótica, e desligando-a da realidade cotidiana, do âmbito das relações familiares. Momento privilegiado sob o aspecto do descortino da existência – maldição e fatalidade que se revelam no ato da ruptura com o codificado –

, esse instante assinala o clímax do desenvolvimento da narrativa.

Porém, o conto “Amor” não termina com a tensão conflitiva levada aos dois extremos que se tocam: a ruptura com a realidade habitual e a contemplação extática, cujo arrebatamento manifesta-se no estado de transe de Ana, deixando-a fora de seu lugar. Depois de atingir o ápice, a história continua à maneira de um anticlímax. De fato, a situação que se desagregou recompõe-se temporariamente ao final do conto, quando Ana regressa a casa e à aparente normalidade entre os braços do marido. Entretanto, o desfecho do conto nos deixa entrever que não houve apaziguamento do conflito, pois ele, apenas, voltou à latência de onde emergira, podendo, em algum momento inaudito, eclodir de novo.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 6 Ano III março/2026
ISSN 3085-7309

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LISPECTOR, Clarice. Amor. In: **Laços de família**. 1. ed., Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. (Contos).
- MOUNIER, Emmanuel. **Introduction aux Existencialismes**. Paris: Gallimard, 1970.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973.
- AUGRAS, Monique. **O ser da Compreensão: fenomenologia da situação de Psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- PONTY-MERLEAU, Maurice. **Éloge de la philosophie et autres essais**. Paris: Gallimard, 1965.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. 3. ed., trad. António Coimbra Martins, Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.

ⁱ Pós-doutor em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; mestre e doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Pesquisador do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – LABELLE –, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. E-mail: joseosmardemelo@yahoo.com.br
joseosmarmelo@hotmail.com